

A PESSOA EM *AMOR E RESPONSABILIDADE* DE KAROL WOJTYLA

Marcus Vinícius Loures Rangel²³
Aracelly Rodrigues Loures Rangel²⁴

RESUMO

O presente trabalho se propõe a apresentar uma visão antropológica, baseada na obra: o *Amor e Responsabilidade*, de Karol Wojtyla, um filósofo contemporâneo que baseia sua filosofia tanto em uma visão perene do homem, quanto nos contributos de filósofos modernos. O objetivo deste foi apresentar essa antropologia personalista, produzida pelo autor, como um meio de dar o real valor à pessoa humana. Para isso, fez-se necessário buscar um real entendimento do que a pessoa humana verdadeiramente é. Para alcançá-lo, a visão do autor foi dividida em três partes principais, que representam três elementos da pessoa humana enquanto um ser capaz de se relacionar, a saber: a pessoa humana e sua relação com: o mundo material; o mundo suprassensível e consigo mesmo. Por fim, o objetivo principal deste foi fazer uma exaltação da pessoa humana como realidade dotada de uma perfeição única quando comparada ao mundo da matéria que a cerca.

Palavras-chave: Pessoa humana. Personalismo. Antropologia. Karol Wojtyla. Relação.

INTRODUÇÃO

Na boca escancarada do tenente Lino não vi a apoteose da burocracia; vi apenas uma coroa mal posta, um dente que ele iria chupar no compasso da aflição, que à noite seria comentado em casa, mostrado à esposa como fora a mim, assim mesmo, com o dedo fincado a esticar as carnes magras. (CORÇÃO, 2017, p. 37).

O filósofo Karol Wojtyla estudou Filosofia no seminário, com uma base tomista e perene. Animado por esta filosofia começou a desenvolver seus estudos, mas para conseguir a licença de professor foi lhe pedido que fizesse uma tese filosófica baseada em Max Scheler. O contato com a Filosofia e com a Fenomenologia deste autor mudaria a sua maneira de pensar ao encontrar em um autor moderno uma visão muito válida da pessoa humana e que poderia ser utilizada no âmbito cristão.

²³Graduando em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis.

²⁴ Professora orientadora, graduada em Letras, pela Faculdade Anhanguera de Anápolis, Especialista em Assessoria Linguística e Revisão Textual pela Universidade Estadual de Goiás e professora convidada na Faculdade Católica de Anápolis.

Para conseguir conciliar Fenomenologia e a Filosofia Perene, Wojtyla se empenhou em um projeto ambicioso: ele procurou conciliar a tradição perene filosófica com filósofos mais modernos que, por muitas vezes, rejeitaram essa tradição e acabavam por cair em vários erros. O projeto resultou em um autor completamente único no âmbito cristão. Sua conciliação entre a filosofia do ser, filosofia perene, filosofia da consciência e a filosofia moderna proporcionou um entendimento da pessoa em sua totalidade e irreducibilidade.

A pessoa humana de Wojtyla é uma resposta a todas as ideologias modernas que buscam reduzi-la a algum aspecto. Na contramão deste reducionismo moderno Wojtyla propõe uma pessoa que é uma unidade em si mesma, dotada de uma perfeição própria não encontrada em nenhum outro ser do mundo material. Essa pessoa se dividida ou reduzida não é mais a pessoa humana, mas alguma quimera.

Essa visão de pessoa humana de Wojtyla foi o que motivou o desenvolvimento deste trabalho, pois mostra a perfeição própria desse ser. Uma visão que, mesmo em ambiente filosófico, demonstra que a pessoa humana apresenta algo de próprio e que, por isso, deve ser respeitada e tratada de maneira distinta.

A obra base deste artigo, *Amor e Responsabilidade*, é fruto desta visão de pessoa humana desenvolvida por Wojtyla e de sua proposta antropológica. O objetivo do título é fazer uma reflexão sobre o amor humano entendido de maneira correta, onde não há uma objetificação do outro, mas que o busca como um fim em si mesmo. Para desenvolver isso, Wojtyla se utiliza da máxima de Kant que diz “os seres racionais são chamados pessoas porque a natureza deles os indica já como fins em si mesmos, como algo que não pode ser empregado unicamente como meio” (KANT *apud* ABBAGNANO, 2007, p. 762).

Ante essa proposta antropológica de Wojtyla, o presente trabalho pretendeu: apresentar esta pessoa humana em si mesma e dar-lhe uma visão em sua totalidade, a partir da visão personalista que o autor tem desta pessoa humana. Consequentemente, este trabalho quis, também, afirmar o que a pessoa humana realmente é e, assim, mostrar seu real valor. Tendo em conta que esta pessoa humana jamais poderia ser limitada a conceitos e que qualquer descrição desta ainda seria insuficiente para descrever o mistério que cada pessoa humana é, não se buscou esgotar o assunto, mas dar somente ao leitor uma visão um pouco mais completa desta pessoa humana.

Para se alcançar tal objetivo, este trabalho se apoiou tanto na obra base, que é tão importante para o seu desenvolvimento que tem seu nome no título, quanto em outros

autores que expõem o pensamento antropológico, como: Ramón Lucas Lucas, Ricardo Stork e Javier Echevarría, autores de manuais de antropologia. Também foi muito utilizado Juan Manuel Burgos, um autor personalista que desenvolveu um estudo muito profundo na filosofia de Karol Wojtyła. Outro autor que deteve um papel importante na elaboração desta obra foi o filósofo brasileiro Gustavo Corção que apresenta a importância da descoberta do outro para o real entendimento de si (CORÇÃO, 2017).

Para tanto, a obra foi dividida em 3 seções principais. Esta divisão partiu da análise da obra de Wojtyła. A primeira tratou do homem em relação ao mundo material (2) e procurou situar a pessoa humana em relação ao mundo que ela está colocada e que pode ser conhecido por ela (2.1), mas apresentou também que esta pessoa humana, por mais que apresente algo em comum com o que ela conhece, é distinta (2.2). A segunda seção procurou apresentar a pessoa humana em relação a uma realidade transcendente (3) e assim mostrar que é natural a ela a transcendência desta realidade material devido à sua natureza espiritual (3.1) pois, neste mundo espiritual, a pessoa humana é capaz de, também, reconhecer a existência de um Ser Absoluto (3.2). A última parte tratou da pessoa humana em si mesma e daquilo que ela conhece como sendo mais próprio de si, que é a sua intimidade (4). Para isso, primeiro se contextualizou a mudança feita por Wojtyła no começo de sua filosofia para poder elaborar a sua antropologia (4.1), depois desta contextualização falou-se daquilo que é mais próprio da pessoa, seu santuário interior (4.2) e, por último, mostrou-se como as experiências podem afetar essa pessoa humana (4.3).

A PESSOA E O MUNDO SENSÍVEL

Contra Górgias, portanto, posso estabelecer as três proposições seguintes: primeiro: é absolutamente certo que existe alguma coisa; segundo: também é certo que **podemos conhecer muitas coisas**; terceiro: é igualmente certo que podemos comunicar a outros algumas das coisas que conhecemos. (BOCHENSKI, 1977, p. 39, grifo nosso).

Cada pessoa humana, enquanto ser vivo, se encontra colocada no mundo e toda as ações que ela realiza se dão nesta realidade material de que o mundo²⁵ é composto. Enquanto vivente, uma pessoa humana é dependente deste mundo, sempre se encontrando em um lugar delimitado dele, mas ela, enquanto vivente no mundo, é capaz de observar aquilo que está ao seu redor e conhecer cada um dos objetos que a

²⁵ Por mundo pretende-se denominar toda realidade que está ao redor da pessoa, desde a microestrutura do universo a sua macroestrutura.

circundam. Quando a pessoa conhece aquilo que está ao seu redor ela se percebe como distinta de todas elas, não se identifica com nenhuma realidade observada. Esta pessoa humana ocupa um lugar no mundo, se relaciona com ele, mas percebe que não é igual a ele, encontra em algumas coisas que observa algo que também acha em si mesma, mas vê que, mesmo com as semelhanças existentes entre ela e a coisa observada, ainda tem algo que as separa e as torna distintas.

Essas descobertas dão à pessoa humana uma certeza maior, de que ela consegue se relacionar com o mundo sensível e, a partir dessa observação primordial, ela se depara com duas realidades: a primeira, que ela é habitante deste mundo e que pode conhecê-lo (2.1); a segunda, que ela é uma realidade completamente distinta do que está observando (2.2).

A pessoa enquanto habitante e conhecedora do mundo

A pessoa, enquanto colocada no mundo, faz parte daquilo que se chama natureza, que é “o conjunto dos seres físicos”²⁶ (ARTIGAS, 2005, p. 46). É característica do ser físico a existência espacial dotada de uma extensão e, desta forma, circunscrita em um local, pois “a localização, em geral, é um modo de ser próprio de todas as substâncias materiais” (Ibid, p. 251). É neste mundo que a pessoa humana se encontra colocada. Ela pode se relacionar com os outros seres físicos que a circundam, mas esta relação é de uma forma extremamente única, pois ela pode conhecer este mundo que a circunda.

A relação da pessoa com o mundo é de tal forma visível que foi colocada por Max Scheler como um constitutivo do ser pessoa (ABBAGNANO, 2007, p.763). A pessoa de Scheler “está originalmente na relação com o ‘eu-do-outro’.” (REALE; ANTISERI, 2006, p. 188). A pessoa desta forma é um ser capaz de se relacionar, seja com o mundo, consigo, ou com o outro “eu”.

É significativo que, graças à sua interioridade e à sua vida espiritual, o homem não só constitua uma pessoa, mas, ao mesmo tempo, pertença ao mundo objetivo ‘exterior’ e faça parte dele de uma maneira que lhe é própria. A pessoa é precisamente um ser objetivo que, enquanto sujeito definido, comunica-se estritamente com o mundo (exterior) e se introduz nele radicalmente, graças à sua interioridade e à sua vida espiritual (WOJTYLA, 2016, p. 17).

²⁶ “[...] fala-se da ‘natureza’ para designar o conjunto dos seres e processos naturais que, em geral, se identificam com o corpóreo e o material.” (ARTIGAS, 2005, p. 47).

O conhecimento do mundo que circunda a pessoa humana está baseado no fato desta não ser somente corporeidade, mas de também possuir uma realidade superior que a permite se relacionar de maneira mais radical do que todos os outros seres físicos. A vida espiritual, proveniente da alma racional, faz com que o homem possa refletir sobre aquilo que ele vê pois é característico desta alma a inteligência capaz de captar o que as coisas observadas são (MARTINS-FILHO, 1997).

A partir deste conhecimento, o homem começa a perceber a multiplicidade de coisas que são apresentadas à sua inteligência, visto que, no “mundo da matéria, podemos ver que as coisas se justapõem e se aglutinam” (HILDEBRAND, 2017, p. 69), mas o conhecimento deste mundo não é um conhecimento qualquer, a pessoa tem a capacidade de conhecer a verdade e aquilo que cada coisa é em si mesma, isso se dá pelo fato de o intelecto se adequar àqueles fenômenos que lhe são apresentados no contato com a coisa²⁷.

Antes de mais nada acho-me diante de um objeto, percebo alguma coisa no mundo; pode ser que essa percepção seja imperfeita, superficial, mas tenho absoluta certeza de que algo existe. A existência de alguma coisa que está diante **de mim** – um não-eu, costumam dizer os filósofos – parece ser a verdade mais fundamental e mais certa de todas (BOCHENSKI, 1977, p. 40, grifo do autor).

O objeto conhecido é dotado de um *logos* próprio que só pode ser captado mediante um contato mais profundo com ele, deixando que o próprio ele se revele ao intelecto. Que este apenas capte os fenômenos e chegue à profundidade daquele, “atingir o seu elevado ‘mistério’ [...] [o] **logos** particular de cada um desses bens (HILDEBRAND, 2017, p. 79, grifo do autor), objeto que permite conhecê-lo em sua totalidade. Esse *logos* próprio pode ser entendido como a essência aristotélica, “aquilo que faz com que uma coisa seja **o que é**” (MARTINS-FILHO, 2010, p. 21, grifo do autor), que é captada por um processo de abstração ou de intuição eidética²⁸, mas sempre a partir do lema da fenomenologia, “**Zuden Sachenselbst!** (‘vamos às coisas!’)” (REALE; ANTISERI, 2006, p. 183, grifo do autor), ir às coisas e deixar que elas “falem” ao intelecto.

Para chegar a conhecer bem qualquer objeto é necessário examiná-lo atenta e esforçadamente, considerando um aspecto depois do outro,

²⁷“*Veritas est adequatio res et intellectus*” STh I, q. 16, a. 1

²⁸ Método desenvolvido por Husserl para captar a essência das coisas (REALE; ANTISERI, 2006, p.181).

comparar entre si o que se descobriu, colocar-se em outros pontos de vista e separar os diferentes aspectos do que se entreviu (BOCHENSKI, 1977, p. 56).

Com este processo de ir às coisas e deixar que elas revelem seu *logos* próprio, o homem começa realmente conhecer aquilo que lhe cerca e, ao fazer isso, ele vê que, mesmo que as coisas possuam alguma semelhança com ele, elas são, também, em certo ponto, distintas e, muitas vezes, mais distintas que semelhantes, assim, percebe-se “que no mundo que nos cerca e que experimentamos também reina uma tal ordem” (Ibid, p. 38). Com o externo descoberto, a pessoa começa a se analisar²⁹ como ser que consegue conhecer o exterior e, ao se conhecer ela se percebe como ser distinto deste mundo, observando que nela “encontramos muitas coisas que são únicas, próprias dela, e que estão ausentes do resto da natureza” (Ibid, p. 16) e, dessa forma, se nota como uma realidade única ante aquilo que a cerca.

A pessoa enquanto distinta do mundo

Na busca por aquilo que a torna distinta do mundo, a pessoa se encontra como “uma natureza substancialmente diferente da dos animais.” (WOJTYLA, 2016, p. 18), essa distinção se dá devido ao homem não ser simplesmente uma coisa, como o restante dos seres observados no mundo, mas por ser alguém.

O homem é objetivamente ‘alguém’, e isto é o que o distingue dos outros seres do mundo visível, que, da sua parte objetivamente, são sempre qualquer ‘coisa’. Esta simples e elementar distinção põe em evidência todo o abismo que separa o mundo das pessoas do das coisas (WOJTYLA, 2016, p. 15).

O fato de as pessoas humanas serem diferentes dos outros seres, ou diferentes das coisas, se baseia no ser alguém. Este ser alguém implica dizer que a pessoa humana não pode ser tratada como o meio de uma ação. “Kant dizia que ‘os seres racionais são chamados pessoas porque a natureza deles os indica já como fins em si mesmos, como algo que não pode ser empregado unicamente como meio’” (ABBAGNANO, 2007, p. 762)³⁰. O abismo entre a pessoa e as coisas, que tem por base essa distinção entre o ser

²⁹ “Pois a minha própria existência só conheço indiretamente.” (BOCHENSKI, 1977, p. 40).

³⁰ A obra *Amor e Responsabilidade* de Karol Wojtyła tem como base esta afirmação de Kant e a diferença entre coisa e alguém.

alguém e o ser coisa, encontra seu fundamento último na alma racional humana que proporciona à pessoa uma interioridade completamente distinta.

A “pessoa, enquanto sujeito, se distingue dos animais, mesmo do animais completos pela sua interioridade, em que se concentra uma vida que lhe é própria, a sua vida interior.” (WOJTYLA, 2016, p. 16, grifo do autor). Esta interioridade, característica da pessoa, faz com que ela seja capaz “[...] de se perguntar o que é uma coisa em si mesma”, de “captar *essências*, prescindindo do interesse vital que as coisas tenham para mim ou para ti” (REALE; ANTISERI, 2006, p. 188, grifo do autor). A pessoa humana é o único ser capaz, não só de conhecer aquilo que é necessário para sua vida, mas de se perguntar sobre coisas aparentemente inúteis, de procurar conhecer mesmo aquilo que não é essencial para a sua vida. Tudo isso se deve a sua interioridade, que tem como característica principal a consciência de si mesma, esta “*coscienza consiste nella proprietà grazie alla quale il soggetto si rende conto della propria attività e di ciò che essa gli fa apparire sul piano psichico in forma di oggetto da essa distinto*”³¹, e tem por característica “*sua interiorità ed immanenza nel soggetto che la esercita e la riceve; il soggetto, dunque, viene in qualche modo impressionato da tale attività*”³² (LUCAS, 1993, p. 42).

Não se pode dizer o mesmo dos animais, embora seus organismos estejam sujeitos a processos biofisiológicos semelhantes e sejam dotados de uma constituição mais ou menos comparável à do homem. Esta constituição permite uma vida sensorial mais ou menos rica, cujas funções superam em muito a vida vegetativa elementar das plantas e parecem às vezes confundir-se com as funções características do homem, isto é, o conhecimento e o desejo ou, em termos gerais, a tendência.” (WOJTYLA, 2016, p. 16).

Nos graus de vida encontrados na natureza, o que distingue a divisão é o grau de imanência do ser vivo, “quanto maior for a capacidade de um ser vivo de reter dentro de si, quanto mais se desfrute de um mundo interior, ou quanto mais conheça a si próprio, maior será o seu nível imanente.” (STORK; ECHEVARRÍA, 2016, p. 21). Nos animais que se encontram no segundo grau de vida, chamada de sensitiva³³, já existe uma maior

³¹ “[...] consciência consiste na propriedade, graças a qual o sujeito se dá conta da própria atividade e de quanto esta lhe apresenta no plano psíquico em forma de objeto distinto dela” (Tradução livre).

³² “[...] sua interioridade e imanência no sujeito que a exercita e a recebe. O sujeito, portanto, é de alguma forma impressionado por tal atividade” (Tradução livre).

³³ Os graus de vida estão relacionados à diferenciação feita entre as almas por Aristóteles: alma vegetativa; alma sensitiva e alma intelectual (MARTINS-FILHO, 1997). Estes graus são conhecidos pelo mesmo nome dado a cada alma, sendo o primeiro grau o da vida vegetativa caracterizado por “três funções principais: **a nutrição, o crescimento e a reprodução**”; o segundo grau, o da vida sensitiva “consiste em

interioridade, mas estão limitados a dar uma resposta automática aos estímulos sensíveis que recebem, apresentam um “caráter não modificável, o ‘automático’ do circuito estímulo-resposta” (Ibid, p. 22).

O segundo grau de vida concede aos animais uma vida interior, mas esta se distancia por um abismo da vida interior do homem. Ambas só podem ser comparadas por analogia e jamais podem ser colocadas em sentido unívoco. As poucas semelhanças residem no fato dos animais também possuírem “um sistema perceptivo que ajude a realizar as funções vegetativas mediante a captação de diversos estímulos: o presente, o distante, o passado e o futuro”, esta “captação se realiza mediante a sensibilidade (externa e interna)” (Ibid, p. 21, grifo do autor). Os animais também possuem uma vida interior, mesmo que primitiva, e podem, como a pessoa humana, captar informações, provenientes de estímulos, que afetam sua interioridade. Mas essa interioridade presente nos animais é um tanto primitiva, uma vez que eles não podem agir contra seus instintos.

Já no “homem, a aprendizagem é muito mais importante que o instinto” (Ibid, p. 23, grifo do autor). A pessoa humana não possui a automaticidade do circuito estímulo resposta, ela possui uma vida não automática, podendo criar para si fins e buscar concretizá-los. A pessoa humana “está acima da ditadura do instinto. Sua reação não é automática” (Ibid, p. 23, grifo do autor). Na pessoa humana o instinto encontra-se subordinado ao intelecto e a satisfação deste instinto só se dá com o auxílio da razão. Mesmo que uma pessoa humana não vivesse segundo sua razão, ou se entregasse aos seus instintos, ela não seria como os animais pois, na pessoa humana, quando esta “não se comporta segundo a razão, seus instintos se tornam desmedidos, coisa que não acontece com os animais [...] se não for racional, é pior que os animais” (Ibid, p. 24, grifo do autor).

A PESSOA E O MUNDO SUPRASENSÍVEL

[...] os seres humanos têm uma dimensão espiritual que é a sua alma não material e eterna. Todavia essa alma é, em si, necessariamente, associada ao corpo em sua vida na terra (Terra planeta e terra solo onde pisamos). (PONDÉ, 2018, p. 47).

ter um **sistema perceptivo** que ajude a realizar as funções vegetativas mediante a captação de diversos estímulos”; e o grau da vida intelectual onde “**se rompe a necessidade do circuito estímulo-resposta**[...] [os seres] se movem em ordem a um fim que eles mesmos se fixaram” (STORK; ECHEVARRÍA, 2016, p. 21-22, grifo do autor)

Esta pessoa humana, como até aqui apresentada, enquanto colocada no mundo sensível, material, não está limitada a esta realidade, pois é “preciso acrescentar que ela se comunica não só com o mundo visível, mas também com o mundo invisível e, sobretudo, com Deus. Este é outro sintoma da especificidade da pessoa no mundo visível.” (WOJTYLA, 2016, p. 17).

A relação da pessoa humana com o suprassensível, e no suprassensível com o Ser Absoluto, tem sua raiz na espiritualidade, na alma espiritual. A definição mais clássica da pessoa humana como um animal racional ressalta como sendo a racionalidade a diferença específica que faz com que a pessoa humana constitua uma nova espécie dentro do gênero animal, mas, como tratado adiante, esta racionalidade da alma não pode ser reduzida a algo simplesmente material. A racionalidade transcende a materialidade, pois o pensamento é uma ação de tipo instantâneo “seu fim é a própria ação de pensar e, por isso, estar pensando **já** é ter pensado” e esta instantaneidade do pensamento “é imaterial, pois a matéria consiste precisamente na não simultaneidade, na extensão, no transcorrer para chegar de um ponto a outro” (STORK; ECHEVARRÍA, 2016, p. 44, grifo do autor).

Faz-se necessário, então, para poder melhor entender a abertura da pessoa, primeiro entender a espiritualidade³⁴ da alma e como ela se relaciona com a pessoa humana em sua unidade (3.1). Depois de entendida a dimensão espiritual da alma, compreende-se melhor como esta se abre ao suprassensível e como a pessoa humana se comunica com o Ser Absoluto (3.2).

A ALMA COMO REALIDADE ESPIRITUAL

Como já tratado acima “[...] no homem encontramos muitas coisas que são únicas, próprias dele, e que estão ausentes no resto da natureza. E o que há de mais caracteristicamente único, de próprio do homem e ausente do resto da natureza, chama-se ‘espírito’.” (BOCHENSKI, 1977, p. 16). Este espírito humano é característico de sua alma, seu princípio vital. Para se chegar à afirmação da alma do homem como espiritual, ou seja, como transcendente, é preciso conhecê-la melhor em si mesma.

³⁴ “As pessoas, em seu dia a dia, quando usam a palavra ‘espiritualidade’ querem dizer algo como uma vida para além da vida meramente material” (PONDÉ, 2018, p. 17).

A alma humana é uma realidade indivisível e que a “observação do ser vivente leva à conclusão de que possui diferentes espécies de operações[...] as diferentes operações correspondem a diferentes faculdades da alma, que não se confundem com a essência da alma”³⁵ (MARTINS-FILHO, 2010, p. 135, grifo do autor). Dessas operações da alma, duas em especial se destacam dentre as outras pois essas são características da vida intelectual do homem e são o “que distinguem o homem dos outros animais” (Ibid, p. 139). Tais faculdades são a Intelectiva e a Apetitiva. A importância de ambas para a alma humana reside no fato de elas terem, como objetos, realidades imateriais pois no homem “o conhecimento e o desejo assumem um caráter espiritual. [...] A vida interior é a vida espiritual. Concentra-se ao redor do verdadeiro e do bom e envolve, além disso, diversas questões” (WOJTYLA, 2016, p. 17).

A faculdade intelectual, ou o intelecto, tem por fruto ou expressão de sua realização o pensamento e mesmo o fato de que “o homem tem corpo, é um ser material submerso no tempo. Mas isso não impede que o pensamento, considerado em si mesmo, seja imaterial, pois no pensar, considerado como pensar, o tempo não transcorre, não tem importância.” (STORK; ECHEVARRÍA, 2016, p. 44). A imaterialidade do pensamento mostra que este não se passa na realidade sensível, material, mas se coloca acima dela e não é por ela limitado, sendo assim ele é uma realidade suprassensível.

A faculdade volitiva, ou vontade, “é a potência espiritual de apetência (desejo do bem conhecido, com liberdade de escolha)” (MARTINS-FILHO, 2010, p. 141) é espiritual, pois “nos inclinamos para o bem conhecido intelectivamente”(STORK; ECHEVARRÍA, 2016, p. 45). O fruto do processo intelectual é o objeto para o qual a vontade se inclina. Dessa forma, percebe-se que ambas as faculdades específicas da alma humana apresentam, como objeto, realidades imateriais, ou espirituais, por isso é característico da alma humana se movimentar na dimensão espiritual, suprassensível, sem estar limitada pela matéria que a circunda.

³⁵ “As faculdades da alma são acidentes do gênero ‘qualidade’ e foram chamadas por Aristóteles de *potências da alma*, que as classificou segundo os atos que delas decorrem e seus objetos:

- Vegetativa (Atos de nascer, nutrir-se, crescer, gerar e perecer)
- Sensitiva (ato de perceber)
- Intelectiva (ato de conhecer)
- Apetitiva (ato de desejar)
- Motora (ato de dirigir-se ao bem conhecido)” (MARTINS-FILHO, 2010, p. 135, grifo do autor)

*La trascendenza³⁶ è la struttura fondamentale dell'uomo e questa struttura, che viene affermata implicitamente in ogni conoscenza e azione umana, è ciò che in una parola chiamiamo **spiritualità**. L'uomo è spirito, cioè vivela sua vita in continua apertura verso l'Assoluto.³⁷* (LUCAS, 1993, p. 277-278, grifo do autor).

Sendo a pessoa humana uma unidade inseparável e, como ressaltado acima, possuindo uma alma espiritual, logo conclui-se que toda pessoa humana, de certo modo, se relaciona com a dimensão espiritual, principalmente pelo fato de que o 'natural no homem é, portanto, o desenvolvimento de suas capacidades [...]. O fim do homem é aperfeiçoar suas capacidades ao máximo, em especial as superiores (inteligência e vontade; verdade e bem).” (STORK; ECHEVARRÍA, 2016, p. 81, grifo do autor). Nessa busca pelo aperfeiçoamento a pessoa humana precisa se confrontar com a realidade suprassensível e nela se encontra com o Ser Absoluto, também chamado de Deus.

A ABERTURA AO ABSOLUTO

A discussão filosófica acerca de Deus é muito complexa pois “há dois caminhos que levam a Deus: o caminho da religião e o caminho da filosofia. Sendo o homem uma unidade, um todo, não é fácil separar o crente do filósofo. Por isso, há sempre o perigo de que nossa fé influa sobre o nosso modo de filosofar” (BOCHENSKI, 1977, p. 109). Whitehead (*apud* BOCHENSKI, 1977) afirma que o único filósofo que realmente conseguiu tratar sobre Deus sem se deixar influenciar pela sua religião foi Aristóteles.

É certo que é possível afirmar a existência de um Ser Absoluto, ou Primeiro Motor, como chamado por Aristóteles, que “é eterno, imóvel, ato puro, privado de potencialidades e de matéria, vida espiritual e pensamento de pensamento. Sendo assim, obviamente, ‘não pode ter nenhuma grandeza’, devendo ser ‘sem partes e indivisível’. E também deve ser ‘impassível e inalterável’.” (REALE; ANTISERI, 2003a, p. 202). Outro fato afirmado pelo próprio Aristóteles é a atração que o Primeiro Motor exerce sob todas as coisas, de forma que elas são atraídas para ele por sua perfeição. Portanto,

³⁶ “*Trascendenza è il movimento con cui l'uomo scavalca continuamente se stesso; questo movimento ha una direzione, punta verso un traguardo: l'Assoluto*” (LUCAS, 1993, p. 278). Transcendência é o movimento com o qual o homem se supera continuamente a si mesmo; este movimento tem uma direção e aponta para uma meta: o Absoluto (Tradução livre).

³⁷ “A transcendência é a estrutura fundamental do homem, e esta estrutura, que se afirma implicitamente em todo conhecimento e ação humanos, é o que em uma palavra se chama *espiritualidade*. O homem é espírito, ou seja, vive sua vida em continua abertura para o Absoluto.” (Tradução livre).

pode-se perceber que a relação entre a pessoa humana e o ser supremo já estava presente desde os primórdios da reflexão metafísica, antes mesmo do auxílio da fé cristã, logo, pode-se afirmar que a “*transcendenza verso l’EssereAssolutoèla sola struttura fondamentale dell’uomo*”³⁸(LUCAS, 1993, p. 42).

A PESSOA EM SI MESMA

La antropología aristotélica tradicional se fundaba, como se sabe, sobre la definición anthopozoonnoetikón, homo est animal rationale. Esta definición no solo corresponde a la exigencia aristotélica de definir la especie (hombre) a través del género más próximo (ser viviente) y el elemento que distingue una especie dada dentro de su género (dotado de razón); esta definición está estructurada, al mismo tiempo, de tal modo que excluye –al menos cuando la asumimos inmediata y directamente- la posibilidad de manifestar lo irreductible en el hombre. Esta definición contiene –al menos como evidencia primordial- la convicción de la reducción del hombre al mundo.[...] Este tipo de comprensión podría ser definida como cosmológica.³⁹ (WOJTYLA, 2005, apud BURGOS, 2015, p. 283-284, grifo do autor).

Essa pessoa humana, até aqui tratada, em relação com o mundo e com uma realidade superior a essa material, também é capaz de se fechar em si e descobrir uma vida interior, uma vida íntima, onde se encontra a sós consigo mesmo. Este “**íntimo** é o que só a própria pessoa sabe: o mais próprio. Intimidade significa mundo interior, o ‘santuário’ do humano, um lugar onde só a própria pessoa pode entrar” (STORK; ECHEVARRÍA, 2016, p. 64, grifo do autor). É nesta intimidade, nesta subjetividade, nesta vida própria da pessoa que ela se reconhece como pessoa pois, “*la persona es persona justamente (aunque no solo) gracias a susubjetividad. Allí radica lo específico del ser personal, el elemento de irreductibilidad que hace a cada persona única y*

³⁸ “A transcendência ao Ser Absoluto é a estrutura fundamental do homem” (Tradução livre).

³⁹ A antropologia aristotélica tradicional se fundava, como se sabe, sob a definição *anthopozoonnoetikón, homo est animal rationale*. Essa definição só corresponde a exigência aristotélica de definir a espécie (homem) através do gênero mais próximo (ser vivente) e o elemento que distingue uma dada espécie dentro de seu gênero (dotado de razão); tal definição está estruturada, ao mesmo tempo, de tal modo que exclui –ao menos quando a consideramos imediata e diretamente- a possibilidade de manifestar o irreduzível no homem. Essa definição contém–ao menos como evidencia primordial- a convicção da redução do homem ao mundo. [...] Esse tipo de compreensão poderia ser definido como cosmológica (Tradução livre).

exclusiva, es decir, un quién o, simplemente, una persona.”⁴⁰(BURGOS, 2015, p. 22, grifo do autor).

Esse santuário pessoa humana se encontra unido a um corpo material, revelando, assim, a unidade pessoa. “O corpo não se identifica com a intimidade da pessoa, mas ao mesmo tempo não é um acréscimo que se coloca na alma: eu também sou meu corpo.”(STORK; ECHEVARRÍA, 2016, p. 66). É a partir dessa união entre material e espiritual que se entende o problema da explicação de Aristóteles sobre a pessoa humana, pois ele parte da observação das coisas materiais e coloca o homem como realidade também reduzida à matéria. “*Por ello, no tiene sentido estudiar al hombre como un tipo particular de ser que requiere unas categorías propias (perspectiva personalista), sino como un tipo particular de ser natural al que se le pueden aplicar categorías naturales adecuadamente modificadas.*”⁴¹(BURGOS, 2015, p. 283, grifo do autor). É a partir desse ponto que Wojtyla propõe uma transição de conceitos, saindo do conceito cosmológico para uma nova visão, que tem como ponto de partida o conceito de pessoa (4.1) que busca ressaltar o íntimo, o santuário da pessoa humana (4.2) e como as ações humanas são influenciadas por esta intimidade (4.3).

A TRANSIÇÃO WOJTYLIANA

A redução da pessoa humana, fruto da visão cosmológica, que busca limitar a pessoa como indivíduo de uma espécie, para Wojtyla não pode ser feito, dessa forma ele propõe uma mudança de termos para descrever a pessoa humana. “O termo pessoa foi escolhido para sublinhar que o homem não se deixa encerrar na noção de ‘indivíduo a espécie’; porque há nele alguma coisa mais, uma plenitude e uma perfeição de ser particulares, que não podem exprimir senão empregando a palavra ‘pessoa.’” (WOJTYLA, 2016, p. 16).

Essa perfeição contida na pessoa humana, e unicamente nela no mundo material, é fruto da consciência que ela possui de si, dimensão extremamente ressaltada pós Descartes, e que muitas vezes é mal colocada em sua relação com o ser pessoal

⁴⁰A pessoa é pessoa justamente (ainda que não somente) graças a sua subjetividade. Ali enraíza o específico do ser pessoal, o elemento de irredutibilidade que faz cada pessoa única e exclusiva, é dizer, um quem ou, simplesmente, uma pessoa. (Tradução livre).

⁴¹ Para ele [Aristóteles], não se tem sentido estudar o homem como um tipo particular de ser que requer categorias próprias (perspectiva personalista), se não como um tipo particular de ser *natural* ao qual se podem aplicar categorias naturais adequadamente modificadas. (Tradução Livre).

(ABBAGHANO, 2007). Para corrigir essas visões, que interpretavam de forma errônea o ser pessoa enquanto dotado de consciência e de uma vida interior, e procurando não abandonar o que já havia sido desenvolvido pelos filósofos clássicos, “*Wojtyla se planteó en esta obra nada más y nada menos que la unificación de La filosofía del ser y de la consciencia [...] Aristóteles y Tomás de Aquino frente a Descartes y Kant*”⁴² (BURGOS, 2015, p. 21).

Aqueles que partem da observação do material, como Aristóteles (REALE; ANTISERI, 2003a), limitam este homem ao mundo material, mesmo reconhecendo uma dimensão espiritual, fruto de uma semelhança com Deus como em Tomás de Aquino (REALE; ANTISERI, 2003b), acaba se limitando a uma visão estreitamente objetiva do homem (BURGOS, 2015). “*Wojtyla entiende que, para Aristóteles, el hombre es un ser racional, pero animal, reducido y confundido con el cosmos [...] Ese ser especial no deja de ser un animal particular, por lo que está entremezclado (reducido) con la naturaleza de un modo profundo y estructural.*”⁴³ (Ibid, p. 283, grifo do autor). Em sentido contrário, o subjetivismo de Descartes e Kant acabam por ameaçar toda a objetividade reconhecida na realidade que está fora da pessoa humana. É nesse panorama que se situa a transição de Wojtyla.

Wojtyla reconhece a objetividade do mundo mas, também, a validade da dimensão subjetiva, quando bem interpretada, e sua influência na pessoa humana. Por isso, ele propõe uma “*transición a la persona y que consiste, basicamente, en construir la antropología a partir del concepto de persona y no del de naturaleza humana.*”⁴⁴ (Ibid, p. 310, grifo do autor). Nessa transição, Wojtyla ressalta os conceitos válidos da subjetividade humana e sua importância para a pessoa humana. Essa subjetividade, raiz do ser pessoal, é tão valiosa para a pessoa humana que pode ser chamada de santuário da pessoa.

O santuário da pessoa humana: raiz do ser alguém

Nesse interior reside a forma de vida mais perfeita, o último grau de vida em que o homem “tem um dentro, é para si, e se abre em direção ao seu próprio interior”

⁴²Wojtyla se estabeleceu nessa obra de nada mais nada menos que a unificação da filosofia do ser e da consciência [...]; Aristóteles e Tomás de Aquino frente a Descartes e Kant. (Tradução livre)

⁴³Wojtyla entende que, para Aristóteles, o homem é um ser racional, mas animal, reduzido e confundido com o cosmos [...] Este ser especial não deixa de ser um animal particular, pois está mesclado (reduzido) com a natureza de um modo profundo e estrutural. (Tradução livre).

⁴⁴Transição a pessoa que consiste, basicamente, em construir uma antropologia a partir do conceito de pessoa e não de natureza humana. (Tradução livre).

(STORK; ECHEVARRÍA, 2016, p. 62). Nessa investigação a pessoa humana se conhece como uma profundidade, uma vastidão. Tem diante de si um mundo a ser desvendado e conhecido.

Nenhuma intimidade é igual a outra, cada uma é algo irrepitível, incomunicável: ninguém pode ser o que eu sou. A pessoa é única e irrepitível porque é um alguém; não é apenas um que, mas sim um quem[...] Quem significa: intimidade única, um eu interior, irrepitível, consciente de si. A pessoa é um absoluto, no sentido de algo único, irredutível a qualquer outra coisa. A palavra eu indica esse núcleo de caráter irrepitível: eu sou eu, e mais ninguém é a pessoa que eu sou (STORK; ECHEVARRÍA, 2016, p. 65, grifo do autor).

A irrepitibilidade de uma intimidade mostra a razão pela qual as pessoas humanas não podem ser reduzidas a nenhum padrão, pois cada nova pessoa é um novo mundo com uma variedade de coisas a serem descobertas e, por isso, deve ser tratada como um alguém que sempre pode trazer algo novo e ensinar mais a quem com ela se relaciona.

É na interioridade que se enraíza a personalidade, aquilo que a pessoa humana apresenta exteriormente como sendo tem seu início nesse santuário. É nele que a pessoa humana encontra aquilo que lhe é mais próprio, um mundo que carrega tudo que ela é e não pára de se modificar a cada novo ato realizado por essa pessoa. É devido a esse constante modificar-se e conhecer-se que “a pessoa é *alteri incommunicabilis*, para usar o latim dos filósofos: é incomunicável, inalienável. [...] O fato de que a pessoa é incomunicável e inalienável está em estreita relação com a sua interioridade, com a sua autodeterminação, o seu livre arbítrio.” (WOJTYLA, 2016, p. 18, grifo do autor). Cada pessoa humana pode escolher aquilo que ela quer comunicar, cada uma pode escolher algo que quer deixar dentro de sua intimidade, sua interioridade não pode ser invadida, a não ser com o uso de muita violência por parte de um outro, pois aquilo que é íntimo a uma pessoa humana só se é comunicado se ela quiser comunicar, se ela decidir falar.

Este é o sacrário da pessoa humana, que colhe e guarda aquilo que chega a ele. “A ligação da pessoa humana com o mundo tem início no plano físico e sensorial, mas é na esfera da vida interior que essa ligação assume aquela forma que é peculiar somente ao homem” (WOJTYLA, 2016, p. 17). Por isso, resta ainda analisar como que aquilo que chega objetivamente à sua subjetividade se relaciona com a pessoa humana.

A pessoa e as experiências

A pessoa humana, enquanto sujeito ativo, capaz de realizar algo, e sujeito passivo, capaz de sofrer algo enquanto vivente e passando por contínuas experiências, tem diante de si uma dupla realidade, como relatado por Juan Manuel Burgos (2015, p. 23-24, grifo do autor) “[...] *La experiencia proporciona simultáneamente objetividad y subjetividad*”⁴⁵. Ante a essa realidade, da dupla reação proporcionada pela experiência, em uma pessoa se faz necessária uma divisão para melhor se compreender cada uma delas.

*La tradición clásica se ha centrado primordial y casi exclusivamente en la dimensión intencional objetiva, es decir, en el hecho de que la acción me pone en relación con cosas que están fuera de mí. Ahora bien, este planteamiento obvia un hecho fundamental: la dimensión autoreferencial, es decir, que **cualquier acción humana** repercute sobre el sujeto que la realiza y retorna hacia él modificándolo porque es, justamente, un sujeto –una subjetividad- quien pone en el mundo esa acción, y no puede hacerlo sin ser, por ello mismo, modificado.*⁴⁶ (BURGOS, 2015, p. 308, grifo do autor).

A primeira reação produzida pela experiência é a objetiva, esta pode ser qualificada e quantificada, pois os mesmos atos tendem a provocar nas pessoas as mesmas reações, e uma vez que se conhece isso pode-se afirmar que um tapa provoca dor. A segunda reação produzida pela experiência não é da mesma forma objetivamente quantificável ou qualificável, essa toca a pessoa em sua subjetividade⁴⁷. Cada experiência pela qual uma pessoa passa marca sua subjetividade. Mas essa segunda reação produzida na pessoa não pode ser conhecida em sua totalidade, pois essa é muito própria de cada um e assim depende de como cada pessoa, em sua interioridade, vai aceitar aquilo. Também depende de experiências anteriores e o que elas proporcionaram à interioridade da pessoa.

Depois de se diferenciar essas duas formas de reações produzidas em uma pessoa pelas experiências que ela passa, tem-se uma melhor explicação sobre o motivo

⁴⁵ “[...] a experiência proporciona simultaneamente objetividade e subjetividade” (Tradução livre).

⁴⁶ Para Wojtyła a tradição clássica se concentrou primordial e quase exclusivamente na dimensão intencional e objetiva, quer dizer, que é no fato em que a ação me põe em relação com as coisas que estão fora de mim. Agora bem, esta exposição mostra um fato fundamental: a dimensão autor referencial, é dizer, que qualquer ação humana repercute sobre o sujeito que realiza e retorna para modificá-lo porque é, justamente, um sujeito –uma subjetividade- que põe no mundo essa ação, e não pode fazê-lo sem ser por ele mesmo modificado. (Tradução livre).

⁴⁷ Por subjetividade deve-se entender a vida interior da pessoa, aquilo que a faz diferente dos demais animais, aquilo de próprio do ser pessoa, ser sujeito. Não no sentido moderno ideológico de subjetivismo como fonte do conhecimento que uma pessoa possui ou fermenta de julgamento mundial.

de como uma mesma ação pode provocar reações diferentes em pessoas diferentes. A objetividade de um ato se dá pelo simples ato em si. De maneira contrária, a parte subjetiva do ato se dá em como a pessoa vai receber esse ato em sua interioridade, como seu ser pessoa acolhe aquela parte objetiva. Logo, pessoas distintas acolhem de maneira distinta um mesmo ato. Mesmo em caso de irmãos gêmeos, criados da mesma maneira, podem passar por uma experiência objetiva de maneira distinta quando tratada em sua subjetividade.

Outro exemplo desse fato se dá na relação objetiva que uma pessoa pode ter com um animal. O fato de se ver um cachorro latindo pode ser acolhido de maneiras distintas, por distintas pessoas que veem o mesmo cachorro latir. Uma determinada pessoa pode simplesmente se assustar com aquilo, mas passar adiante sem ligar muito, mas esse ato objetivo pode marcar de tal forma outra pessoa que por causa disso gere em si um trauma, criando medo de todos os cachorros. Essa experiência que se dá de diferentes formas ao homem possui também grande importância no ser pessoa pois, como anteriormente dito, é na subjetividade que se enraíza o específico do ser pessoal.

Como um dos componentes do ser pessoal do homem, como aspecto constituinte da pessoa e como afirmado por Burgos (2015), o elemento de irredutibilidade, que faz cada pessoa única e exclusiva, a subjetividade pessoal desempenha um grande papel em cada um.

Quando a subjetividade sofre algo, toda a pessoa sofre, cada experiência pela qual uma pessoa passa acaba por marcá-la de forma que o ser agora, dessa pessoa, não é o mesmo de antes⁴⁸. Cada experiência proporciona à subjetividade um acréscimo, que faz com que a pessoa esteja em uma constante mudança, se fazendo, se construindo através de suas experiências.

As mudanças que acontecem na pessoa podem ser passageiras ou duráveis, dependendo da forma com que a sua subjetividade foi marcada pela experiência pela qual foi exposta, mas essas mudanças nunca deixam de acontecer, pois enquanto uma pessoa vive nessa caminhada terrena ela está passando por contínuas experiências que vão marcá-la e dar a ela uma nova forma ao seu ser pessoa.

⁴⁸ Aqui deve-se entender essa mudança no ser, não como uma mudança ontológica, onde uma pessoa deixaria de ser uma pessoa e passaria a ser um animal ou um anjo, mas uma mudança accidental, em que algumas particularidades de cada pessoa são alteradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já agora contei; e se não viu nada do que eu disse, leitor, na boca escancarada do tenente Lino é porque não compreendeu os capítulos anteriores deste livro. Ou então os contei mal (CORÇÃO, 2017, p. 37).

Após o que foi descrito da obra, percebe-se que a pessoa humana é um ser colocado no mundo e, nele, ela conhece aquilo que a cerca e diversos seres. Conhecendo-os, percebe que compartilha algo com eles, que eles possuem algo em comum, mas ela se percebe dotada de algo próprio e, assim, uma realidade distinta daquilo que a cerca.

Mas essa mesma pessoa humana percebe que seu intelecto, que pesquisa e entende as coisas, não pode ser reduzido a simples materialidade e, assim, acha em si uma realidade superior que chama de transcendente. É nesta realidade que ela percebe que seus anseios podem ser realizados, no confronto com o transcendente percebe-se que pode atualizar as suas potências e chegar ao seu fim. Nessa busca por um fim encontra também com um Ser Absoluto que o atrai para si.

A pessoa humana também encontra em si um recanto, onde pode ficar sozinha consigo mesma e viver ali. Essa realidade pode ser chamada de santuário, pois abriga algo sagrado que é a consciência que a pessoa tem de si. Este santuário é também o lugar onde ficam guardadas as experiências pelas quais a pessoa humana passa, ali se guarda a objetividade e a subjetividade de cada ato realizado por ela.

Por fim, pode-se fazer, ainda, alusão a Gustavo Corção (2017), que em sua obra “*A descoberta do outro*” afirma que a importância de reconhecer a totalidade de cada pessoa humana como dotada de tudo o que foi acima descrito é um mistério e um dom que se apresenta ali na frente cada um. É o simples fato de mesmo em um ambiente burocrático ver uma simples coroa mal posta em um dente de um tenente de um exército, mas por trás das coisas mais quotidianas da vida, em cada relação, ver uma pessoa humana em sua totalidade.

ABSTRACT

The present work proposes to present an anthropological vision, based on Karol Wojtyła's work, *Love and Responsibility*, a contemporary philosopher who bases his philosophy both on a perennial view of man and on the contribution of modern philosophers. The objective of this was to present this personalist anthropology, produced by the author, as a means of giving the real value to the human person. For

this, it became necessary to seek a real understanding of what the human person truly is. To reach it, the author's vision was divided into three main parts, which represent three elements of the human being as a being able to relate, namely: the human person and his relationship with: the material world; the supersensible world; with herself. Finally, the main objective of this was to make an exaltation of the human person as a reality endowed with a unique perfection when compared to the world of matter that surrounds it.

Key-words: Humanperson. Personalismo. Anthropology. KarolWojtyla. Relationship.

REFERÊNCIAS

- ABBAGHANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARTIGAS, Mariano. **Filosofia da Natureza**. 1ª. ed. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2005.
- BOCHENSKI, Józef Maria. **Diretrizes do Pensamento Filosófico**. 6. ed. São Paulo: EPU, 1977.
- BURGOS, Juan Manuel. **La experiencia integral: Un método para el personalismo**. 1ª. ed. Madrid: EdicionesPalabra, 2015.
- CORÇÃO, Gustavo. **A descoberta do outro**. 1ª. ed. Campinas: Vide Editorial, 2017.
- HILDEBRAND, Dietrich Von. **A nossa transformação em Cristo**. 1ª. ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2017.
- LUCAS, Ramón Lucas. **L'uomo spirito incarnato: Compendio di filosofia dell'uomo**. 1ª. ed. Milano: EdizioniPaoline, 1993.
- MARTINS-FILHO, Ives Gandra. **Manual esquemático de história da filosofia**. 1ª. ed. São Paulo: LTR, 1997.
- MARTINS-FILHO, Ives Gandra. **Manual esquemático de filosofia**. 4. ed. São Paulo: LTR, 2010.
- PONDÉ, Luiz Felipe. **Espiritualidade para corajosos: a busca de sentido no mundo de hoje**. 1ª. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Filosofia pagã antiga**, v. 1. 1ª. ed. São Paulo: Paulus, 2003a.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**, v. 2. 1ª. ed. São Paulo: Paulus, 2003b.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt**, v. 6. 1ª. ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- STORK, Ricardo Yepes; ECHEVARRÍA, Javier Aranguren. **Fundamentos de antropologia: um ideal da excelência humana**. 2. ed. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2016.
- TOMÁS DE AQUINO, Santo. **Suma teológica: teologia, Deus, trindade**, volume 1: I parte: questões 1-43. 1a. ed. São Paulo, Edições Loyola, 2016.
- WOJTYLA, Karol. **Amor e Responsabilidade**. 1ª. ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2016.